

A FERA ATRAVÉS DO TEMPO: ANÁLISE GRÁFICA DAS CAPAS DE LIVROS DO CONTO “A BELA E A FERA”, EM EXPOSIÇÃO NO CENTRO DE MEMÓRIA E PESQUISA HISALES

VAGNER DUTRA MACIEL¹; CHRIS DE AZEVEDO RAMIL²

¹Universidade Federal de Pelotas – vagnermaciel.des@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – chrisramil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma análise gráfica dos projetos editoriais das capas de parte dos volumes impressos do conto “A Bela e a Fera” presentes na exposição temporária “Um patrimônio mundial: a Bela e a Fera em diferentes edições”, realizada pelo Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - Hisales¹, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e inaugurada em 18 de agosto de 2023.²

A história pode ter sua origem no conto “Eros e psique”, segundo estudiosos do conto (HEARNE, 1993; TATAR, 2002; GRISWOLD, 2004; GÓES, 2007 apud PERES; RAMIL, 2017), ou ainda na vida de Petrus Gonsalvus, que tinha hipertricose, uma doença rara na qual ocorre crescimento exacerbado de pelos na face e corpo (TUDOR BRASIL, 2015 apud PERES; RAMIL, 2017).

Este tradicional conto, em sua escrita para crianças, tem por origem a versão lançada pela francesa Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (conhecida como Madame Beaumont) em 1757 (PERES; RAMIL, 2017). Segundo Darnton (1986, p. 26), “os contos populares são documentos históricos”, e realmente, os contos clássicos estão presentes no imaginário de diversas crianças e adultos de todas as gerações. Dentre eles, a “Bela e a Fera” é um dos mais disseminados mundialmente, entre inúmeras versões.

Para Lupton, o design assim como as histórias têm “[...] o potencial de transferir informações para dentro da mente de outra pessoa [...] Histórias viajam de pessoa para pessoa, de lugar para lugar” (LUPTON, 2020, p. 12). Outrossim, livros ilustrados podem ser compreendidos como “obras em que a imagem é especialmente predominante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente” (LINDEN, 2011).

Esta pesquisa qualitativa documental tem como objetivo geral analisar graficamente as capas dos livros supracitados, e como objetivos específicos: a) Verificar a presença de ilustrações da personagem Fera nas capas dos volumes; b) Investigar as diferentes características físicas empregadas ao personagem nas diversas versões. Como recorte de pesquisa, neste trabalho serão analisados apenas os livros ilustrados que contenham a presença do personagem Fera na capa e que também possuam data de publicação.

2. METODOLOGIA

Como aporte metodológico, realizou-se uma revisão bibliográfica utilizando as obras: Peres; Ramil (2017), Lins (2002), Powers (2008), Linden (2011), Lupton (2020). Utilizou-se, também, a Metodologia experimental de análise desenvolvida

¹ Para saber mais sobre o Hisales: *site* - wp.ufpel.edu.br/hisales, redes sociais - @hisales.ufpel (Facebook e Instagram) e e-mail - grupohisales@gmail.com.

² Os exemplares da exposição integram o acervo do conto “A Bela e a Fera” disponível no Hisales, que conta, atualmente, com 173 livros, de várias épocas, editoras e países.

por Bonsiepe (1984), que se divide em 7 macro etapas: 1) Problematização; 2) Análises; 3) Definição do problema; 4) Anteprojeto/geração de alternativas; 5) Avaliação, decisão e escolha; 6) Realização; 7) Análise final da solução. Entre essas, aplica-se aqui apenas os itens 1 e 2, uma vez que o foco é analisar graficamente os artefatos.

Segundo Bonsiepe (1984), a macro etapa “Problematização” consiste em três sub etapas: **a) O que:** encontrar o que se busca desenvolver e os seus fatores essenciais e influentes; **b) Por que:** finalidade do projeto e seus respectivos critérios; **c) Como:** etapas dos métodos e recursos disponíveis.

Na sequência, segundo o autor (idem), define-se as “Análises” a partir de 7 subcategorias, contudo utilizar-se-á aqui apenas 3: **a) Lista de verificação:** catalogação das informações do produto, a fim de detectar pontos a serem superados; **b) Análise diacrônica:** mostra a evolução do material ao longo do tempo; **c) Análise morfológica:** estuda a estrutura formal do produto/projeto.³

Como recorte de amostra, conferiu-se apenas os livros ilustrados, e na sequência, todos que possuíam data de publicação, logo após, exclusivamente os que contêm a personagem Fera nas capas. Em seguida, dividiu-se os livros em 3 grupos: a) Representações variadas; b) Representações da versão Disney; c) Releituras da versão Disney. Estas categorias serão explicitadas na sequência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Linden levanta algumas questões interessantes sobre a apreciação dos livros ilustrados, sendo uma delas acerca da leitura destes, ao defender que “ler um livro ilustrado não se resume em ler texto e imagem. É isso e muito mais. [...] é também apreciar o uso de um formato, de enquadramento, da relação entre a capa e as guardas com seu conteúdo” (LINDEN, 2011, p. 8-9).

Nota-se, atualmente, um ponto nevrálgico na cultura global, onde livros, tanto infantis quanto juvenis e adultos, recebem uma grande influência do cinema. Esta questão pode ser verificada quando se percebe a enorme quantidade de propagandas e informações visuais que se recebe diariamente. Segundo Lins (2002, p. 37), “o livro multinacional ‘igualzinho ao desenho animado’ e que vem com CD, camiseta, boné, chaveirinho e propaganda de peixe grande, vai continuar na melhor estante da livraria [...]”.

Neste sentido, esta pesquisa parte da perceptível influência que a *Walt Disney Company* adquiriu sobre o conto “A Bela e a Fera” a partir do ano de lançamento do longa-metragem de mesmo título, no ano de 1991. Desvincular o conto das edições publicadas após a criação de sua versão animada, é um interesse em comum, tanto da exposição supracitada quanto deste artigo.

Quando se trata de capas de livros, é importante destacar que “a capa é parte integrante da história de qualquer livro [...]” (POWERS, 2008, p. 9), e não só, mas também que “a capa pode desempenhar funções diversas nessa conjunção. No caso de um livro ilustrado, ela pode servir de amostra das delícias que virão [...]” (POWERS, 2008, p. 9).

³ As outras cinco análises, quais sejam, de uso, sincrônica, funcional e estrutural, não são exploradas neste texto, devido ao fato destas se destinarem mais a projetos de produto mercadológicos, que não são o tema desta pesquisa. Vale salientar ainda, que não foi realizada uma leitura prévia dos volumes, já que não cabe a esta pesquisa analisar o conteúdo dos livros, mas sim as representações da personagem Fera em suas capas.

Neste trabalho, não será apresentada a análise diacrônica completa⁴. Definiu-se três categorias de análise: A - Representações diversas; B - Padrão Disney; C - Releituras da Disney. Com isso, o levantamento de dados, a partir dos 82 exemplares da exposição, indica os seguintes números, conforme a Figura 1.



Figura 1 - Dados identificados nos exemplares do conto “A Bela e a Fera”.

Fonte: esquema do autor, 2023.

Do total de 43 livros analisados, de acordo com as categorias A, B e C, obtém-se como resultado uma oposição de 24 livros que atendem ao padrão internacionalizado da Disney (6 do padrão Disney e 18 releituras desta), contra 19 que se opõem a isso. Ressalta-se que as publicações de “padrão Disney” não eram um objetivo da referida exposição e, sendo assim, a quantidade de exemplares foi propositalmente reduzida, havendo uma maior presença destes no acervo do Hisales, em sua totalidade. A partir disso, elencou-se um livro de cada um desses conjuntos para analisar-se morfologicamente (Figura 2).



Figura 2 - Capas de edições do livro “A Bela e a Fera” (01 - Rui de Oliveira, Nova Fronteira, 2015; 02 - Disney, Melhoramentos, 2007; 03 - Mauricio de Souza, Girassol, 2015).

Fonte: acervo Hisales.

Para exemplificar as variadas representações da Fera, selecionou-se o livro “A Bela e a Fera: conto por imagens” (Fig. 2 - capa 1), que mostra a estética visual do movimento *Art Nouveau*, exhibe uma riqueza imagética, com cores análogas de baixo contraste, mas com formas vastas e complexas. A personagem Fera possui características de lagarto, com pele escamosa verde, usa cartola e veste um casaco sobretudo, o que indica refino da figura. Não há presença de chifres, presas, e o semblante é fechado e não amigável.

Em oposição a estas características, o padrão Disney supracitado consiste na representação padronizada da Fera, estabelecida a partir do ano de 1991, onde há a presença de chifres e presas, a expressão facial passa a ser mais amigável e o azul e dourado integram a composição cromática da indumentária do personagem. A apresentação bestial da Fera tem uma característica mesclada entre homem, touro e leão, bem peludo. Na capa de “A Bela e a Fera” (Fig. 2 -

⁴ Para ver mais, consultar pelo *link*:

https://drive.google.com/file/d/1BJQsKlwVUr8TsA3nMP-ZzW7KFXRi_XJ1/view?usp=drive_link

capa 2), é possível perceber, além das características da Fera no padrão, a presença de uma área vazada circular mostrando um CD ao centro, reiterando assim a ideia dos livros mercadológicos criados com a estratégia de vender a história através de materiais nobres e diferentes, que “enchem os olhos” do público. A ilustração está impressa no CD e não na superfície da capa do livro.

No grupo de releituras (Fig. 2 - capa 3), encontram-se visualidades semelhantes às do padrão Disney, entretanto, com algumas características peculiares. É o caso do livro publicado pelo ilustrador brasileiro Maurício de Souza, que criou uma versão do conto que segue a estética desenvolvida para a série de gibis da “A turma da Mônica”. Percebe-se facilmente a semelhança entre a capa 2, que contém o logotipo da Disney em sua composição, e a releitura exposta na capa 3, pela permanência dos detalhes mais característicos, como as roupas das personagens e a quantidade exacerbada de pêlos, além da posição em que os personagens estão aparecendo na composição.

4. CONCLUSÕES

Dado o exposto, é inegável a influência que o lançamento do longa-metragem obteve sobre a estética do design das capas dos livros do conto “A Bela e a Fera” publicados após o seu lançamento. A hegemonia de empresas como a *Walt Disney Company* na atual sociedade da informação em que se vive, reverbera em uma descaracterização autoral dos materiais, atendendo aos padrões da globalização, da produção em massa e do consumismo. Tal monopólio visual é prejudicial para o meio gráfico, uma vez que suprime a criatividade, e impede a apreciação de novos materiais que emergem de diversas formas e locais.

A exposição apresenta, entre as 82 edições expostas, publicações de variadas datas, diversidade de formatos, livros estrangeiros, livros regionalistas, livros coloridos ou monocromáticos, em distintas técnicas de ilustração, em formato de histórias em quadrinhos, entre outros. A riqueza visual encontrada é basilar não apenas para os consumidores de conteúdo que perpassam pelos expositores, mas também serve de referência para os criadores de visualidades, tanto do ponto de vista estético quanto técnico.

Em suma, a Fera é uma personagem plural que está presente em nosso imaginário. Sua representação real é algo subjetivo, e pode assumir características diversas para o que cada um entende como belo, feio, amigável ou monstruoso. O padrão criado serve apenas para gerar conforto aos usuários, já que é sabido que o cérebro humano é pouco receptivo ao desconhecido, e esta é uma ótima estratégia mercadológica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BONSIEPE, G. (org.). **Metodologia experimental: Desenho Industrial**. Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1984.
- LINS, G. **Livro Infantil?**. São Paulo: Rosari, 2002.
- POWERS, A. **Era uma vez uma capa**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LUPTON, E. **O design como storytelling**. São Paulo: G. Gili, 2020.
- PERES, E.; RAMIL, C. A. “A Bela e a Fera” em imagens: As várias faces da Fera. **Anais do 7º seminário de literatura infantil e juvenil**, p. 185-196, 2017.
- DARNTON, R. **O grande massacre dos gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- LINDEN, S. V. D. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.